

ADOLESCÊNCIA VAMPIRIZADA: A NECESSIDADE DE TRABALHAR A TEMÁTICA DA MORTE COM ADOLESCENTES

Kate Fabiani Rigo*

RESUMO:

A Geração Y se expressa mais nas redes virtuais do que nas suas relações diretas do cotidiano, seja na escola ou no meio familiar. A internet é que o ouve, que o vê, que o informa e que o acolhe. Deste modo nos deparamos com as seguintes questões: Como falar em morrer, em morte e cemitério em uma das épocas mais vivas de nossas vidas? Como falar destes assuntos com jovens que estão a meu ver, com a síndrome de Vampiros: eternamente jovens, trocam o dia pela noite, são belos, sedutores e imortais. O estado do Rio Grande do Sul está enfrentando um grande problema com a questão do suicídio adolescente. Tanto assim, que o governo estadual está criando um programa de prevenção, uma vez que o problema “atinge cerca de vinte e cinco mil pessoas por ano, e mais de mil chegam ao óbito”, e destacam que o maior número de casos está entre adolescentes dos 15 aos 19 anos. neste período turbulento de sua vida. Trabalhar com a morte com o adolescente, faz com que haja a interação, reflexão e discussão sobre o que é o morrer na sociedade pós-moderna. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Morte e Religião.

GERAÇÃO VAMPIRIZADA

Quando se fala de adolescência em pleno século XXI, não se pode mais referir-se a este grupo apenas no singular. A diversidade e a virtualidade possibilitaram uma gama de características que dificulta o enquadramento do adolescente a apenas uma categoria específica. Atualmente, os adolescentes possuem diferentes características culturais, identitárias e sociais e ele não é mais visto por sua singularidade e sim por sua pluralidade.

* Kate Fabiani Rigo. Doutoranda em Religião e Educação do PPG da EST. Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz. Contato: kate@novaformacultural.com

De acordo com Calligaris, o adolescente pode ser caracterizado como alguém:

1. que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade [...]
2. cujo o corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhe são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;
3. para quem, neste exato momento, a comunidade impõe uma moratória.

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto.¹

Pensando na caracterização feita por Calligaris e analisando o comportamento dos alunos dentro do espaço escolar é perceptível a mudança física do adolescente que modifica num passar de férias escolares. O adolescente tem que seguir o que lhe é imposto por sua comunidade e não é ouvido por ser considerado imaturo diante da experiência de vida de um adulto.

Quando se pensa na conduta dos adolescentes do século XXI e os compara com a figura dos vampiros percebemos entre eles mais semelhanças do que diferenças. De acordo com a pesquisa de Claude Lecoutex, o folhetinista Léon Gonzlan em 1861 descreve o enquadramento social do vampiro como:

mas os vampiros não entram numa ordem, em nenhuma classe, em nenhum cálculo da criação. Eles não são nem a vida e nem a morte, eles são a morte que afeta a vida; ou antes, são a máscara assustadora de uma e de outra. Os mortos os repelem com pavor à noite, e os vivos não os temem menos.²

Pensando na citação acima, e substituindo a palavra vampiro por adolescente se percebe a clara relação existente entre estes dois mundos. O adolescente também não se encaixa num padrão social reconhecido e muito menos numa classe, uma vez que está relacionada diretamente a classe dos seus

¹ CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2011. p. 15

² LECOUREX, Claude. *História dos Vampiros: autópsia de um mito*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESPE, 2005. p.15-16.

responsáveis. Não são nem crianças e nem adultos, além de provocarem medo ou receio entre crianças e os adultos. O adolescente está numa constante busca para determinar a sua função social, encontrar os seus pares e para marcar sua identidade.

O psicólogo Albert Bernstein escreveu um livro intitulado “Vampiros Emocionais” que foi lançado no Brasil em 2001. A revista *Veja* em fevereiro de 2001³ postou em seu site virtual uma tabela dos tipos de vampiros emocionais existentes em nossa sociedade pós-moderna:

Proteja seu pescoço		
Aqui vão cinco categorias de vampiros e os meios de enfrentá-los, em um roteiro adaptado da obra do psicólogo Albert Bernstein		
	Tipo de vampiro	Como viver com ele
Inconstante	Tem dificuldade para assumir qualquer tipo de compromisso. Está sempre à procura de novos parceiros amorosos e é instável na vida profissional. Alimenta-se da dedicação das pessoas, mas costuma abandoná-las ao considerar que se tornaram monótonas ou que já deram o que tinham para dar.	Dê crédito apenas a seus atos, e não às promessas. Não aceite suas desculpas intermináveis. Estabeleça regras para a convivência e punições em caso de desvio. Se flagrá-lo mentindo ou desrespeitando normas, conteste com firmeza.
Teatral	Cada palavra e cada gesto são cuidadosamente planejados, como se vivesse o tempo todo no palco. Faz de tudo para se colocar no centro das atenções. Bajula os superiores com rara habilidade. Tudo isso o faz parecer inofensivo, mas é justamente a estratégia para sugar a confiança alheia. Ao conseguir, está pronto para puxar seu tapete	Jamais o transforme em confidente e não se ofereça para sê-lo. Esteja atento para prováveis segundas intenções em tudo que ele faz ou fala. Elogie-o de vez em quando, pois o aplauso o mantém sob controle – mas não a ponto de parecer seu fã número 1
Narcisista	Acha que é a pessoa mais inteligente e talentosa da face da Terra. Persegue com afimco os símbolos do status e do poder. É ríspido e esbanja autossuficiência. Quando está por cima, pisa nos de baixo. Nutre-se da destruição da autoestima alheia, o que o ajuda a projetar-se para o alto	Não perca tempo tentando convencê-lo de que ele cometeu um erro, pois negará até a morte. Não dê crédito aos feitos grandiosos que relata. Não espere favores gratuitos, ele sempre vai querer algo em troca
Obsessivo	Presta atenção nos mínimos detalhes para tentar flagrar os outros em contradição. Não admite pequenos erros ou falhas e sente grande prazer em apontá-los. Deseja que todos se tornem igualmente perfeccionistas e inferniza o cotidiano de quem resiste ao adestramento. Voa no pescoço das pessoas próximas para extrair-lhes o que há de mais sagrado: a liberdade e a tranquilidade.	Nunca critique a virtude da qual ele mais se orgulha: a busca da perfeição. Nas discussões, evite entrar nas minúcias, pois são sua especialidade. Não conte a ele seus pequenos desvios do cotidiano, do tipo "liguei para o chefe dizendo que estava doente"
Paranóico	Desconfia que está sendo traído e que há segundas intenções por trás de tudo que os outros fazem ou dizem. Para ele, nada na vida é óbvio ou simples. Essa mania de perseguição obriga as pessoas com as quais convive a ser cuidadosas ao extremo. Assim, consome lentamente a paciência dos outros.	Ao falar, evite metáforas, ironias e figuras de linguagem – seja o mais claro possível. Não se submeta ao jogo de ter de provar lealdade a todo momento, respondendo a perguntas absurdas. Jamais admita que mentiu ou escondeu a verdade, pois isso nunca sairá da cabeça dele

³ OLIVEIRA, Maurício. *Vampiros Emocionais*. Disponível em: http://veja.abril.com.br/280201/p_096.html#quadro Acesso em: 27 maio 2013.

Observando a tabela anterior, se percebe fortes relações com o comportamento do adolescente e até mesmo do jovem adulto do século XXI. O adolescente é um indivíduo que está em processo de modificação, assim como o Vampiro. Durante o dia tem mais sono do que disposição, assim como o Vampiro que queima a luz do dia. O paladar do adolescente é tão seletivo quanto o do Vampiro, que possui uma forte alergia ao alho. O adolescente não se encaixa em um grupo social, assim como o Vampiro. O adolescente tem a tendência de contestar as instituições religiosas e até mesmo renegar seus símbolos, assim como o Vampiro se esquia de objetos de cunho religioso. O adolescente se comunica com seus amigos constantemente, por meio de mídias, assim como o Vampiro se comunica por telepatia. O adolescente tem o sentimento de poder e de impunidade, assim como a figura do Vampiro e por fim, a juventude para o adolescente lhe parece ser eterna como a do Vampiro.

SUICÍDIO JUVENIL NO RIO GRANDE DO SUL

Como falar em morrer, em morte e cemitério em uma das épocas mais vivas de nossas vidas? Como falar destes assuntos com jovens que a beleza é eterna, que seus atos não serão responsabilizados e deve viver cada minuto de sua vida como se fosse o único? Como falar destes assuntos com jovens que estão com a síndrome de Vampiros: eternamente jovens, trocam o dia pela noite, são belos, sedutores e imortais.

O texto de Lecoutex apresenta os ritos de passagem descritos por Arnold van Gennep e a ideia de morte má:

A morte remete para aquilo que se costuma chamar de ritos de passagem, e Arnold van Gennep distinguiu aqui três momentos: os ritos de separação – a retirada do corpo e a partida para o cemitério-, os ritos marginais , como a vigília, e os ritos de agregação, como a ceia funerária. Se uma dessas etapas não for cumprida como se deve, a morte é má e o defunto perigoso.⁴

⁴ LECOUREX, 2005, p.40-41.

O suicida entraria no setor de uma morte má, além de ser relacionado a figura de fantasmas por ficarem vagando entre o mundo dos vivos e dos mortos como apresenta a seguir:

Há, portanto, um primeiro princípio, um verdadeiro teorema: toda pessoa que não tenha vivido até o termo prescrito não transpassa, permanece bloqueada neste mundo e o além. Essa concepção, torna então, os suicidas – pessoas cuja a vida foi cortada pelo ferro, pela corda, pela água, pelo fogo, em suma, os mortos prematuros – a maioria dos fantasmas.⁵

Assim como os fantasmas, os vampiros também não possuem um lugar definido nem no mundo dos vivos nem dos mortos, assim como a figura do adolescente que não se encaixa mais no mundo infantil e nem está pronto socialmente para assumir o mundo adulto. Essa situação de não pertencimento pode levar, em casos mais extremos como a ideação ou o ato suicida.

José Manoel Bertolote usa a definição de suicida de acordo com a conceituação da OMS (Organização Mundial da Saúde) que define:

o suicídio é o ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo, ou em outras palavras, um ato iniciado e executado deliberadamente por uma pessoa que tem a clara noção (ou uma forte expectativa) de que dele pode resultar a morte, e cujo o desfecho fatal é esperado (OMS,1998).⁶

No Rio Grande do Sul, mais especificamente na região metropolitana, está se enfrentando um grande problema com a questão do suicídio adolescente. Tanto assim, que o Estado está criando um programa de prevenção ao suicídio e o responsável pelo desenvolvimento do programa, o médico psiquiatra Ricardo de Campos, alerta:

[...] o alto índice de tentativas de suicídio no estado é um problema de saúde pública. “Atinge cerca de 25 mil pessoas por ano, e mais de

⁵ LECOUTEX, 2005, p. 41.

⁶ BERTOLOTE, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.p.21.

mil chegam ao óbito”, alerta. Em Porto Alegre, o maior número de casos está entre adolescentes dos 15 aos 19 anos. “Nosso adolescente está vulnerável, deprimido, fazendo uso de álcool e outras drogas. Ele precisa de mais proteção”.⁷

Esses dados assustam e mostram a necessidade de haver uma didática específica que atenda o adolescente neste período turbulento de sua vida, onde as mudanças e as inconstâncias naturais em seu estado de humor devem sempre ser levadas em consideração, uma vez que, de acordo com Bertolote: “Suicídio é o ato de por fim à própria vida deliberadamente. Independentemente de ser resultado de impulso ou premeditação, sempre constitui uma urgência prioritária para o pessoal da saúde”.⁸

Os pesquisadores de Religião e educação deveriam ter a consciência de que a prevenção e a preocupação em relação a este assunto não possam ficar restritas ao setor da saúde. Trabalhar com a morte no ambiente escolar, faz com que haja a interação, reflexão e discussão sobre o que é o morrer na sociedade pós-moderna.

Para estudar o adolescente do século XXI é necessário estar em contato com ele e participar de suas redes virtuais, e desta forma poderemos ter uma noção do que se passa em suas atribuladas cabeças. Sabemos que o adolescente se expressa mais nas redes virtuais do que nas suas relações diretas do cotidiano, seja na escola ou no meio familiar. A internet é que o ouve, que o vê, que o informa e que o acolhe. Falar de morte com o adolescente parece algo tão distante que este distanciamento está sendo expresso nas redes sociais.

Para compreender esse fenômeno das redes sociais, onde a morte ocupa um papel secundário, já que se está passando pelo período mais vivo da história, recorre-se ao estudo desenvolvido por Rendeiro, que mostra esta relação viva existente entre as redes sociais e a sociedade na pós-modernidade.

Sobre o fenômeno redes sociais, nos sentidos que elas carregam em si, acumulam-se interpretações de toda ordem; antes de apresentar algumas delas, lembramos que, no esteio do discurso do “eu”, o mundo contemporâneo aparece mergulhado em reality shows, em

⁷ MERLIN, Guacira. *Manual tentará reduzir alto índice de suicídios no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/05/manual-tentara-reduzir-alto-indice-de-suicidios-no-rio-grande-do-sul.html>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

⁸ BERTOLOTE, 2012, p.22.

mundos que propõem uma vida paralela, como o Second Life, em mensagens instantâneas do MSN; discurso também evidente na febre de blogs, fotologs, videologs; ou nas chamadas redes de sociabilidade, como o Orkut, Myspace e o Facebook, com destaque para o enorme sucesso do YouTube, com seus milhões de visitantes, condicionados a assistir a tudo e a todos; a vida toda ganhando contornos de videoclip, uma forma de narrar sobre si mesmo, sustentada por imagens e por ritmos, denotando uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço.⁹

Pensando sobre a citação acima, percebe-se o quanto os adolescentes estão envolvidos neste processo de afirmação de sua existência a partir de sua conectividade. Só se existe no momento em que se está conectado, se é popular de acordo com o número de amigos virtuais que se consegue adicionar, se é referência de acordo com o número de “curtir” que uma postagem pessoal possa receber, mas se for compartilhada certamente o que foi escrito foi significativo. Essa reflexão remete-nos ao estudo de Guy Debord e a Sociedade do Espetáculo, onde ele comenta que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o «ter» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer.¹⁰

Fazendo uma relação atemporal, o estudo de Guy Debord se encaixa perfeitamente na ideia de ter muitos amigos virtuais no Facebook. E o espetáculo se completa de acordo com o número de pessoas que curtiram ou compartilharam uma postagem ou uma imagem completando desta forma o perfeito ideal do “aparecer” perante esta sociedade “espetacularmente conectada” a um mundo virtual muito mais interessante e dinâmica do que o mundo real. Deste modo, o adolescente se enxerga como popular, poderoso e eterno.

⁹ RENDEIRO, Márcia Elisa. *Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais*. In: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011.

¹⁰ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18 abr. 2013. P.13.

As instituições que lidam constantemente com este grupo de indivíduos (família, escola, instituições religiosas), os adolescentes, deverão pensar em formas e estratégias de compreender esta etapa, de criar espaços de diálogo sobre suas dúvidas e angústias, além de promover momentos de reflexão sobre a morte e o morrer. Trabalhar com a temática da morte como fator natural da vida, é uma forma de “rehumanizar” o adolescente virtualizado e vampirizado. A tomada de consciência de valorização de sua vida só será significativa no momento em que o adolescente perceber-se finito.

REFERÊNCIAS

BERTOLETE, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2011.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18/04/2013.

LECOUTEX, Claude. *História dos Vampiros: autópsia de um mito*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.15-16.

MERLIN, Guacira. Manual tentará reduzir alto índice de suicídios no Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/05/manual-tentara-reduzir-alto-indice-de-suicidios-no-rio-grande-do-sul.html> acesso em 03/04/2013

OLIVEIRA, Maurício. Vampiros Emocionais. Disponível em: http://veja.abril.com.br/280201/p_096.html#quadro Acesso em: 27/05/2013.

RENDEIRO, Márcia Elisa. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. In: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011.